

***NUR***

Livro 35

*Escritos Fenícios*

**Roberto Curi Hallal**



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial  
*Gilberto Strunck*

Capa  
*Dia Comunicação*

Produção gráfica  
*Dia Comunicação*



## ***NÃO INVENTEI***

Não inventei o perigo, portanto não precisarei inventar a salvação. Ao invés de pôr-me a salvo, não fugirei. Nego-me a oferecer minha esperança em sacrifício, partilhar todo o estoque, renunciar ao difícil. Execrarei os engodos, as sintonias, os insípidos amores, as inóspitas histórias, os espetáculos infelizes, a fascinação pelo mórbido. Porei cada coisa no meu estreito lugar, sei da eficácia dos sofrimentos. Secada a água dos oásis me resta plantar no deserto.



## ***MOVO VELAS***

Ponho a sede no cofre, bebo o estado de espírito, generalizo os lamentos, travando uma luta constante com as alegrias. Raras vezes provoço a paz tão desejada. Reduzo o espírito de porco, amanso o espanto, encho de arrepios o pavor, hospedo todos os vazios, aperfeiçoo o ato e a intenção, mergulho lá onde me escondo. Movo as velas nas calmarias, abandono os remos, corto a corrente marinha. Faço tudo isso, não sei por quê.

## ***SOBRE DESPEDIDAS***

O difícil da despedida é não se saber quando e se haverá volta.



## ***OS ENCONTROS***

Não há ocasião tão soberba que seja igual àquela dos encontros que aliviam as saudades.



## ***NO MEIO DO NADA***

A solidão é uma espécie de paz no meio do nada tentando tirar algum sentido do vazio.

## ***UM PEDAÇO DA ALMA***

A que origem remonta essa intolerância aos que se deixam usar e aos que se oferecem, satisfeitos, a serem usados? Que euforia será essa que fraudava fundamentos, faz cair em logro os valores, deixando-se penetrar sem o cuidado que deveria?

Assisto com um pedaço da alma o que por inteiro não toleraria.

Aos que creditaram ter a porta da fortuna, a pena do uso amparou-se na indiferença. Toda a rede sente perder um pedaço de si que, ao submergir na correnteza, vira cisma.



## ***COLHEITA***

Desancorei. Anulo todas as anistias, entrego os poucos carinhos que recebi. Desabastecido evito as queixas, torno inválido um balanço extra, desaperto as mãos, desapego o colo, colho a desordem, não mais

finjo o pleno, estendo a vastidão do vazio calado, o desapontamento que se inclinava para uma tristeza que interrompo, desarmo o sentimento, já não guardo os segredos que me dizem para aliviar o excesso, desate a voz sonora, recupere os abraços, liberte o corpo que corre perigos de tantas ausências, destrave o caminho, restaure aquele teu jeito de amar. Se é que ainda me alcança recordar.



### ***SOBRE UM SOMBRIO FUTURO***

Por conta desse cotidiano, não haverá mais aposentadorias tranquilas, nem a imersão nos silêncios, serão automatizadas as ordens, nem os mais lúcidos aceitarão o isolamento sem queixas. Os privilégios da existência sairão mais caros e a escassez abundará. Poderemos dissecar a paciência. Até os encontros mais fúteis terão limites estabelecidos ficando vedada a improvisação e a euforia desmedida. Não serão mais necessárias memórias disponíveis, as lembranças

caminharão sós, sem regência e sem contexto. Haverá certezas despossuídas, doçuras singulares, imprevisíveis, aceitadas, a perturbação diversificada entrará minorando importâncias, instalando dispersão de energia e a dissolução nos encontros.

Os afetos caminharão dispersos e confusos, serão diminuídas as fronteiras entre a alegria e o penar, a agonia ensaiará desistências dando sentido à morte, tirando a vontade da vida.



### ***ESPERO QUE SE INSTALE***

Sempre que possível, espero que se instale a esperança e que ela seja fácil de usar.



## ***FORA DE PERIGO***

Nosso amor está fora de perigo. Já não deixarei de amar-te. Reincidente na entrega, ainda temo dizer-te quanto te quero.



## ***CARINHOS DOIDOS***

Carinhos doloridos, ligeiros como mariposas, vagam como ondas agitadas; perpetuando calores úmidos, são como deuses insaciáveis, especiais, como um tempo suave sem controle. Sem regresso, levam consigo suaves texturas para oferecerem-se nus a alguém que os espera vestido.

## ***GESTO SONHOS***

Diante da magnífica festa que é encontrar motivação para a vida, constituo versos que falem a verdade nua e crua, experimentando a reação e a hospedagem dos outros para livrar os méritos da confusão não os deixando repousar no lugar errado.

Tomo providências. Anuncio algo em voz baixa esperando que se faça o milagre da mútua aceitação e rompam-se as diferenças aviltantes que impedem o amor de se instalar sem remorsos incentivando a presença, gerando sonhos e vertendo emoções.



## ***PERDÕES MÚTUOS***

Há que se pactuar perdões mútuos, saber que os acordos se rompem e as mudanças fazem temer. E que há sossego para os medos.

## ***O ENCANTO***

Fica estabelecido que o encanto veio para ficar. Tornou-se estampado, assíduo, íntimo, tratando da sinceridade, incentivando ações prolongadas, com disposição a harmonizar. Envolve, experimenta todos os sentidos, incluindo neles a alegria intensa, o descobrimento, a revelação que põe em ordem as contradições e traz o gosto da vida. O encanto favorece a causa do amor, põe em prática toda a confiança que se destina a acreditar que é possível. Torna o entusiasmo atrevido, e a causa imediata da paixão e do envolvimento. Dá feição aos acontecimentos felizes.

Por detrás dele se escondem ardentes amores.



## ***CONCEPÇÃO***

Subsistem ao tempo a ilusão, a propensão, a repressão, a madeira, a carne e o osso revelam de onde sai a vida, o nome do autor e a origem da obra. Quantas somas, cruzas, trocas, carícias baldeadas para o corpo onde se confirma o intento e a realização.

Ganham intensidade a casa, o medo, a preocupação que avaria a expressão, a saudade.

## ***ILUSIONISTAS***

Os falsos profetas se dedicam a predizer sempre o pior ou a prometer o que jamais será cumprido. Atam nossos pés e mãos ao que ainda está por vir, o futuro que nos atacará com maior fúria do que na falsa profecia anteriormente feita. Mandarei atrás deles enfurecidos reivindicadores que acreditaram neles. Sempre vejo os falsos profetas, na TV, no mercado financeiro, na fofoca. Vendem tranquilidade, estão nos consultórios disfarçados de hipóteses diagnósticas que depois jamais se confirmam. Uns se apresentam como mensageiros, outros como representantes de milagres, disfarçados ou a caráter mesmo. Leem mãos, pés, cinzas, pedras. Neles sempre haverá indício da farsa.

Na boca desses imprudentes visionários, a pior expectativa só se atenua quando o futuro se faz presente sem confirmação. Quando isso acontece, os sedentos de serem enganados mantêm a ilusão, trocando apenas de visionário.

## ***GRATO EXÍLIO***

Em torno de ti encontro o caminho para chegar definitivamente ao lugar pretendido. Dá-me teu tempo, ele será meu apoio. Espreitarei e protegerei os caminhos por onde andares em teus passeios. Jamais cessarão meus anseios em privilegiar o que me diga como tua necessidade. Declaro ser meu propósito ajustar-me a conhecer teu idioma, o tamanho da tua sede e a carícia que te dê a paz e te faça dormir.

Contigo volto ao um mundo novo. É tanto o que tenho a viver contigo que me exilarei do mundo para dormirmos corpo a corpo.



## ***ENTRE O PRESENTE E O FUTURO***

Vi, por óbvio, toda a impossibilidade de saber o futuro. Não posso garantir nada que não fosse conhecido no presente. Impregnado pelas coisas impossíveis que se me impõem pela realidade, importo uma fantasia que mate a minha curiosidade.

A despeito da coragem e do tamanho da imaginação, incitei a ficar sujeito, a deixar de atender aos sonhos de cada um que me cerca. O que me faz antever quaisquer danos ou compensações?

O futuro com sua obscuridade, não me permite ver individuação alguma, nenhuma busca de indulto.



### ***NADA MAIS***

Estacionar em algum lugar, não sair dele por qualquer coisa. Atrevido, agitar a quietude para colher novas lições. Fermentar, marcar com memória, produzir um alto grau de tensão na monotonia, amaldiçoar o bom exemplo, abrir mão da esperança que encalha. Confiar no risco calculado. Flutuar sobre as pragas. Fomentar a ausência de impostos. Perder a razão de tanta franqueza. Abrir gavetas. Ter uma última desilusão. Roubar um beijo duma criança. Fundear em águas potáveis. Resmungar, choramingar, suspirar, reclamar. Concertar sérios danos ocasionados. Não dar mais um passo, não dizer nada mais além do que já

foi dito. Perguntar o essencial, responder o necessário. Aguentar a confusão, expor o riso, exaurir o choro, ir até o fim. Apagar os rastros. Nisto ficar.



### ***POR FORÇA DA TRADIÇÃO***

Por tradição ensinaram-me a afastar a palavra fria, acatar quem ordena, nunca chorar de cortar o coração, tratar a febre quando excessiva e jamais prometer um amor definitivo. Saber ficar horas sem dizer nada ao outro. Acostumar a vestir o que é cômodo. Abrir livros para aprender. Cotizar na carestia e, sempre que possível, pensar para ultrapassar a limitação. Costear os montes e não nadar em águas desconhecidas. Não oferecer intimidades a quem não saiba reservá-las. Evitar quem tenha palácios e cavalos agitados. Ser prudente. Mudar o rumo na mudança dos ventos. Objetar e duvidar. Defender por princípio. Evidenciar a convicção para não deixar dúvidas onde não valha a pena. Não ficar só no singular, desejar como necessário, permitido e indispensável.

## *ALMA POROSA*

Do fundo da minha alma calo e assisto a um sentir que faz mais sentido sendo quieto do que dito.

Havendo sobrevivido, aprendi a cair, perder pedaços com cada morto amado em vida. Sobreviver como se houvesse perdido tudo. Salvadas as lembranças, retomado o rumo, que me banhem o sol e a lua.

Já não basta uma inocente desculpa para não seguir. Novo passaporte, a troca do impacto pelo nada. Escolho a rua, o passo, a comida, a marca do café, a hora do sono. Rompo as margens, a vida libertada, não circunscrita a nada, nem a ninguém.

Minha alma ficou tão porosa, que deixa a vida por ela passar, a vida que passa, que passa, que muito rápida já passou.



## ***CATO ENREDOS***

Não há mais espaço para o que me importa. Agora sei o quanto é sério controlar tantas vontades de viver. Possivelmente, forças acessórias, relegadas a um canto em desuso, recuperam sua ânsia, são como campainhas abandonadas que me despertam para atendê-las. Quando eu já estava silencioso e o silêncio já não mais me preocupava de tão esquecido, as vontades não nascidas ali, transcritas ao longo de gerações, despejaram em mim um desfile de urgências importantes.

Enquanto as pedras acatam o pó que a elas acresce, eu me debato farto de abraços breves, de retiradas sem aviso, de tantas bocas usadas, de tantas almas magoadas.

Todas as proteções tentadas ficaram nas promessas, todos os refúgios ocupados. Cato enredos para definir a próxima cena.

## ***VELHAS MANIAS***

Essa velha mania de gostar de tudo o que posso, do que gosto bebido como água da fonte. Sempre me faz ter de volta essa vontade de gostar de tudo o que posso, mesmo que eu não possa.



## ***FLORES E RAÍZES***

Tantas as vidas, tantas as mortes, sempre os mesmos amores, permanecidos, embora um pouco esfolados. Abatidas algumas convicções, as incertezas andam buscando repousar em alguma guarida. Salvaguardada a pele, a memória, esquecidas as dores, afastadas as decepções, aceitas as idas e vindas, lanço âncoras nas águas marinhas onde guardo a alma restaurada. Cancelo as ofensas nuas e cruas, distribuídas na mão e na contramão.

Implanto, transplanto, refaço o já feito. Procuo canteiros em grandes quantidades. Amo por varejo, necessito por atacado.

## ***FONTE***

Fonte que me faz sonhar, dá-nos uma razão para a sobrevivência. Nascas para dar sentido aos assuntos das águas, te moves por corredores paralelos, inventas caminhos e te estancas água para ser admirada, como espelho onde caiba rosto, fantasia e a serena paz que oficializa teu pouso. Fonte que nivela terrenos, alimento ordenador que desperta o assombro, inaugura o ar fresco, brota e desaparece de tuas fendas a água que se livra de ser cativa, e inunda o lago que resgata o ciclo que lavras, transpassas. Inventando arroios, riachos, rios, mares, até sustentar o jardim que te acolhe e encantar quem te contempla. Sempre ascendente, descendente, vaporosa, vigorosa se perdendo e se encontrando ora turba, ora serena do teu fluido, as energias emergindo, misturando-se em começos e fins nas tuas misteriosas aparências. Danças precipitada a molhar os intrusos que sobem no teu palco.

## ***TEMPO***

Entre os olhos que distinguem, existem mágicas descobertas sobre as coisas vistas. As fantasias se acrescentam quanto mais me chegam os anos. Diminui-me o medo de viver entre harmonias espalhadas. Nas coisas mais elementares como um movimento, uma cor, um vento, um pôr-do-sol, faço descobertas das numerosas formas que despertam o encanto da apreciação. Sem a pressa dos últimos anos, me subordino à exigência de ter tempo para deixar acontecer. Quando acontece, saboreio o acaso. A vida escolhe através do espírito amadurecido pela experiência. Torno diverso o mesmo sentir de sempre, dou-lhe a forma com outro contorno, embora nele veja o de sempre, esse meu jeito mediterrâneo de sentir exagerado.

## ***TRAGO COMIGO***

Trago comigo uma coleção de lembranças guardadas a sete chaves. Sonhos que frequentei, lugares que já não existem, acabadas alegrias outrora correspondidas. Reúno novas estrelas para cobrir meu céu. Quando não me resta outra possibilidade, saio por aí, concordo em ir para fora de mim. Entre uma conciliação e uma resistência combino ficar de acordo com a realidade. Acordo nada responder até que minha sensibilidade adormecida não se ponha triste a ponto de não suportar a si mesma. Combino lembrar dos sonhos que logo esqueço, abandono-os para o passado, que coleta os perdidos. Aceito que cada um deles tome um rumo e se perca no tempo que escoo rápido.

Perdi a agilidade de lembrar, me falta multiplicar essa vontade de sair voando por aí. Persiste uma novidade que anuncia ter um novo sentido para tornar o efêmero definitivo.

## *O SILÊNCIO DOS FARÓIS*

Tendo os olhos cansados de tanta adoração. O que não alcanço entender é o porquê do silêncio dos faróis, que se negando a ouvir os barulhos, bastando-se com iluminar, estejam contentes em seus lugares, altivos e impassivelmente funcionais, parecendo estátuas.

Porque tanto temer a esse mar que é uma das formas de natureza? Seus murmúrios poucos ouvem, seus gemidos se fragmentam na rebentação das pedras que o recebem gentil, deixando-se cobrir de espumas. Fingido mar, quando todos pensam ali estar sua morte incessante ele retorna ao curso de sua máxima função, entre marés que levam e trazem o mar, ele sóbrio e abstinente, respeita as luas que ordenam os movimentos e avisa limites.

Entre raciocínios que embaralham a dignidade e a estima, juntando insolentes e ofensores, o maior perigo é perder-se a luz do farol, acabando de vez a noção do rigor e os esforços para restituir o caminho perdido.

## ***EPÍLOGO***

Deixar-se possuir até entregar os pontos, entregar-se à leitura dos sonhos, de sonhos díspares que se entrelaçam por fronteiras mal determinadas, criando sombras que superpõem segredos e se prendem na rede. Enquanto desfaz-se o nó do nervo, tenso, desviado do caminho, inconveniente.

Coisas que o vento não leva.

Enquanto desfaço o nó do nervo, tenso, desviado do bom caminho, inconveniente, entro em desordem, roubado na tranquilidade banhada em choro que me faz jogar fora a raiva e pedir-te para ficar.

Conto um a um os bens vividos, emudeço todas as razões antes que elas me convençam a epilogar a história.

Roberto Curi Hallal

